

**HANNAH ARENDT:  
UMA NARRADORA ENTRE O PASSADO E O FUTURO**

**[HANNAH ARENDT:  
A STORYTELLER BETWEEN PAST AND FUTURE]**

**Carlos Eduardo Gomes Nascimento**

Mestrando na Universidade Federal da Bahia

DOI: <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2109.2018v25n47ID13924>

Natal, v. 25, n. 48  
Set.-Dez. 2018, p. 281-306

**Princípios**  
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



**Resumo:** Este ensaio apresenta o enlace entre o pensamento de Hannah Arendt e o ato de narrar. A obra de Arendt traz uma experiência narrativa ao dialogar intensamente com a literatura criando novas possibilidades de se relacionar com o passado. Ao narrar experiências humanas em acontecimentos sucedidos na história, Arendt buscou compreender como gerações do passado pensaram e agiram publicamente no mundo comum. Entre o passado e o futuro, rompeu-se o fio da tradição que seleciona e nomeia as experiências a ser transmitidas de uma geração mais velha para uma geração mais nova. Porém, mesmo ante à lacuna entre o passado e futuro, a narrativa de Arendt encontra “tesouros” no passado, histórias que se constituem enquanto um legado de experiências de um mundo comum às futuras gerações. Compreender as experiências humanas no passado, através das histórias, possibilita à singularidade das novas gerações deitar raízes no mundo comum.

**Palavras-chave:** Tradição; Narrativas; Hannah Arendt.

**Abstract:** This essay presents the link between the thought of Hannah Arendt and the act of narrating. Arendt’s work brings a narrative experience by talking intensively with literature creating new possibilities of relating to the past. In relating human experiences to events in History, Arendt sought to understand how generations of the past had thought and acted publicly in the common world. Between past and future it has been broken the thread of the tradition. The tradition has that selects and names the experiences to be transmitted from an older generation to a younger generation. But even in the gap between past and future, Arendt’s narrative finds “treasures” in the past, stories that constitute a legacy of experiences of a world common to future generations. Understanding human experiences in the past through stories, enables the uniqueness of the new generations to take root in the common world.

**Keywords:** Tradition; Narratives; Hannah Arendt.

## 1. O mergulho no passado

A escritora dinamarquesa Karen Blixen, no conto “O mergulhador”, narra a estória da vida do jovem Saufe, que construiu um par de asas para se comunicar com os anjos e compreender os mistérios da existência humana e do divino. Enganado pelas pessoas da sua cidade, triste e desencantado, o jovem a abandona. Muitos anos depois, outro jovem, poeta, aspirante na arte de contar de estórias, viaja a uma aldeia de pecadores de pérolas. Na aldeia, encontra um pescador que a cada mergulho trazia as melhores pérolas. O jovem poeta, a fim de se aproximar do pescador, esquadrinha na memória a estória de Saufe e a conta para ele. A narrativa despertou no pescador memórias que o fizeram lembrar segredos profundos: ele fora o próprio Saufe. O outrora jovem de coração puro Saufe, ao se tornar um pescador de pérolas, parece ter se aproximado dos anjos, para colher os tesouros divinos que gerações mortais cristalizaram na memória.

Nessa estória, Blixen (1986, p. 47) conta que: “As pérolas são feitas de mistérios e aventura; se você acompanhar a trajetória de uma única pérola isso lhe dará material para uma centena de histórias. As pérolas são como contos do poeta”. O contador de estórias é como um pescador de pérolas que mergulha fundo na profundidade da tradição. O pescador, sem escafandro e de corpo nu, luta contra a força da natureza de um mar bravio, que pode o levar às margens do esquecimento. Ele mergulha para trazer à superfície os tesouros de um mar profundo, os mais vastos sentimentos humanos cristalizados.

A compreensão de um mundo antigo, onde o passado reúne a complexidade de acontecimentos, direciona o olhar dos seres humanos para avaliar e interpretar experiências sucedidas. Esse olhar humano sobre o passado identifica-se com aqueles que agiram e pensaram esse mundo compartilhado. Ao abraçar a tradição, cria-se um sentimento de pertencimento e de vínculo com as gerações que por aqui passaram. Para Arendt (2011, p. 53): “a tradição é o fio condutor através do passado e a cadeia à qual cada nova gera-

ção, intencionalmente ou não, ligava-se em sua compreensão do mundo e em sua própria experiência”.

A essência da tradição está nas experiências que atravessam o tempo, tornando vivas a presença humana no mundo. Hannah Arendt (2016a) buscou compreender as estórias do mundo humano que é compartilhado. Em *A condição humana*, a pensadora expõe:

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público. (Arendt, 2016a, p. 68)

O mundo, para Arendt (2016a, p. 65), é um artifício humano, fabricado pelas mãos de mulheres e homens, que surge pela ação e pela palavra, os assuntos humanos, isto é, através das realizações no tempo histórico, contados e recontados às novas gerações. Nesse contexto, o mundo comum é, segundo Almeida (2011, p. 26), o palco e o cenário das histórias humanas: “quer abranja as atuações presentes e as do passado, quer diga respeito às realizações culturais ou a nosso modo de compreender e comunicar-nos sobre tudo isso, o mundo é o que temos em comum”.

Ao mergulhar no passado, para compreender essa cadeia que ligou as gerações, Arendt desafia pensar a tradição. Mesmo com os regimes totalitários, no século XX, a “perda inegável da tradição no mundo moderno não acarreta absolutamente a perda do passado, pois tradição e passado não são a mesma coisa” (Arendt, 2011, p. 130). É necessário mergulhar no passado para não esquecer. Para Arendt (2011, p. 130), o “passado se abre a nós com inesperada novidade e [é como se o passado] nos dissesse coisas que ninguém teve ainda ouvidos para ouvir”. Aquele que se propõe a mergulhar no seu movimento de descida, na imensidão azul do oceano, pode

encontrar fragmentos de tesouros esquecidos, as narrativas. Neste movimento, a autora encontrou fragmentos que constituem uma contundente influência formativa para a tradição da civilização ocidental.

Esses encontros humanos através do tempo são narrados pela escritora Karen Blixen, que escreveu em uma de suas anedotas do destino: “todas as desgraças podem ser suportadas se você as colocar em uma estória ou narrar uma história a respeito delas” (Blixen *apud* Arendt, 2011, p. 323). Tal pensamento foi uma fonte de inspiração para Hannah Arendt ao longo de sua obra, encontrado na epígrafe do capítulo sobre a ação no livro *A condição humana*, no ensaio “Verdade e política” e no livro *Entre o passado e o futuro*. Segundo complementa Arendt, contar estórias não diz apenas sobre mágoas, mas também sobre sentimentos como a alegria e a felicidade, significativos para os seres humanos quando contados em forma de estórias.

## **2. Hannah Arendt, uma narradora**

A emergência da atividade de pensar é uma preocupação lançada por Hannah Arendt em sua obra. Em *A condição humana*, Arendt (2016a, p. 6) buscou pensar “o que estamos fazendo”, de uma maneira diferente, recobrando experiências outras com o mundo comum contra os riscos instaurados pela ruptura da tradição, que traz consigo o perigo de que o passado se torne inacessível e seja, portanto, totalmente esquecido (Duarte, 2000, p. 122).

Assim, Arendt narra o passado recontando outras estórias, explorando, por exemplo, as revoluções modernas (Francesa e Americana) e seus tesouros perdidos. Nessas estórias encontram-se experiências coletivas e individuais, que afluem em gestos, atos e expressões para se compreender o presente. Conforme expõe Arendt (1993, p. 45):

Desse modo, o pensamento crítico, embora seja uma ocupação solitária, não se separa de todos os outros. Certamente ele ainda se dá no isolamento, mas, pela força da imaginação, torna presente aos outros e,

assim, move-se em um espaço potencialmente público, aberto a todos os lados; em outras palavras, [...]. Pensar como mentalidade alargada significa treinar a própria imaginação para sair em visita.

Imaginar é uma forma de sair em visita junto aos outros, para afirmar ou recusar a pertença ao mundo comum. Ao imaginar, representa-se acontecimentos sucedidos no mundo, que ocorreram tanto com a própria pessoa, quanto com outras: vivas ou mortas, reais ou não, personagens de estórias. Assim, a ideia de sair em visita é uma metáfora que Arendt (1994, p. 45) utiliza para a imaginação. Quando os seres humanos estão no seu mais recôndito lugar para pensar, a imaginação sai em visita para compreender não apenas outras experiências do mundo presente, mas também das gerações passadas. Celso Lafer (2007, p. 300) observa que: “O ‘sair em visita’ objetiva conversar com distintas perspectivas para considerar e ponderar como diferem da nossa própria perspectiva”. Na construção poética do mundo, a imaginação constitui-se uma das formas para pensar e se relacionar com o passado. Conforme Arendt (2006, p. 53),

Somente a imaginação nos permite ver as coisas em suas perspectivas próprias; só ela coloca a uma certa distância o que está próximo demais sem tendências ou preconceitos; só ela permite superar os abismos que nos separam do que é remoto, para que possamos ver e compreender tudo o que está longe demais como se fosse assunto nosso [...]. Sem esse tipo de imaginação, que na verdade é compreensão, jamais seríamos capazes de nos orientar no mundo. Ela é a única bússola interna que possuímos.

O exercício do imaginar é uma atividade que se relaciona ao compreender, amplifica o significado de reconciliação com um mundo antigo, permeado da pluralidade humana. Imaginar causa estranhamento no cotidiano, transgredindo o que está acomodado e pode inserir um sentido renovador no mundo. Com efeito, a experiência e os afetos, ao serem contados às crianças e aos jovens, possibilitam que exercitem a capacidade de imaginação, funda-

mental ao pensar. A imaginação traz à convivência experiências de gerações passadas para que se possa compreender e pensar o mundo. Assim, imaginar é tão essencial para a singularidade dos novos, quanto na boca e nas páginas de grandes contadores de histórias. Segundo Arendt (2016b, p. 106): “todo pensamento deriva da experiência, mas nenhuma experiência produz significado ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginação e pensamento”.

No ensaio “Verdade e política”, Arendt argumenta (2011, p. 299): “formo uma opinião considerando um dado tema de diferentes pontos de vista, fazendo presentes em minha mente as posições dos que estão ausentes; isto é, eu os represento”. A reflexão sobre a existência do passado, é uma forma de trazê-lo ao presente, para o penetrar com olhos reflexivos e nele redescobrir “tesouros perdidos”, na memória das narrativas transmitidas de geração para geração.

A capacidade do contador de representar as experiências humanas através de narrativa não está atrelada a uma verdade factual, mas cria a possibilidade de compreender e pensar o acontecimento. Os vestígios presentes nas histórias, experiências humanas no mundo, permanecem na memória, marcas da singularidade. Os contadores de histórias rememoram atos e feitos de gerações passadas dando sentido a uma teia de relacionamentos; compõem a memória comum das gerações; tecem como uma teia os fios da tradição com a imaginação ao representar e ampliar a vida no tempo. Evidencia-se, desta maneira, a reponsabilidade das gerações mais velhas ao contar histórias às novas gerações, para que essas também venham a se tornar responsáveis por novos fios no mundo comum.

Acerca deste sentimento, pode-se observar a singular biografia que Arendt escreveu sobre Rahel Varnhagen (1771-1833), ainda na década de 30, momento em que vivia o período de ascensão do nazismo na Alemanha. Ao contar a história de Rahel Varnhagen, Arendt parece antecipar a reflexão sobre como é possível, por meio

do ato de contar uma estória, tornar suportável a existência em um lugar de hostilidade às pessoas de origem judaica. Além de contar a história de Rahel, naqueles tempos sombrios, Arendt também escrevia poesias, conforme observa Odílio Aguiar e Rosiane Mariano (2013, p. 2013): “Sem a poesia, a sobrevivência espiritual da humanidade, a compreensão e a reconciliação com as dores e as atrocidades provenientes dos acontecimentos extremos de violência transcorridos no século XX, ficariam comprometidas”.

O livro *Rahel Varnhagen: A vida de uma judia alemã na época do Romantismo* só alcançou publicação na década de 1950, vinte e cinco anos após Arendt ter fugido do regime nazista. Arendt relata que pretendeu “narrar a história da vida de Rahel como ela própria poderia ter feito” (Arendt, 1994, p. 11). A autora encontrou nas cartas de Rahel o relato da estória de uma pessoa que buscou se expressar para a si mesma e a seus amigos correspondentes, como uma tentativa de se tornar dona do próprio destino.

Nesse livro, Arendt conta a estória de uma mulher judia que viveu numa época que assimilava culturalmente os judeus, no entanto, discriminava aqueles que mantinham suas tradições. Rahel foi assimilada ao se casar com August Varnhagen e batizada com o novo nome Antonie Friederike Varnhagen, porém sempre entrou em conflito consigo mesma. Embora judia assimilada, reconhecer-se enquanto judia, para sua estória de vida, era fundamental na afirmação de sua existência no mundo. Arendt cita uma carta de Rahel: “A coisa que por toda minha vida pareceu-me a maior vergonha, a miséria e o infortúnio mais amargos – ter nascido judia –, desta eu não devo agora por nenhum motivo desejar ter sido privada” (Arendt, 1994, p. 15). Para Arendt, a estória de Rahel tem o sentido de dizer que “o pensar funciona como um tipo esclarecido de magia que pode substituir, evocar e predizer a experiência, o mundo, as pessoas e a sociedade” (Arendt, 1994, p. 19).

Observa-se que Arendt apresenta em alguns escritos, com sutileza, uma percepção própria sobre o ato de contar as experiências sobre o mundo, as pessoas e a sociedade. A autora também apre-



senta um modo particular de perceber a história (*history*: conjunto de eventos do passado, relativos à historiografia), a partir do sentido da estória (*story*). Na obra de Arendt, em parte escrita em inglês, percebe-se que a autora apropria-se da palavra *story* para privilegiar um sentido para seu ato de narrar, através do qual tenta compreender as vastas experiências humanas sobre o mundo. Para Arendt (2011, p. 121):

A história – baseada na suposição manifesta de que, não importa quão acidentais as ações isoladas possam parecer no presente e em sua singularidade, elas conduzem inevitavelmente a uma sequência de eventos que formam uma estória que pode ser expressa através de uma narrativa [...] – tornou-se a grande dimensão na qual os homens se “reconciliam” com a realidade.

Não se trata de mera distinção ortográfica para as palavras estória e história, cuja qualidade desveladora é pertinente refletir, nos escritos de Arendt. No seu ensaio “O conceito de história: antigo e moderno”, Arendt chama à atenção para o ato de contar histórias que vem se perdendo na modernidade. Conforme Arendt (2011, p. 89): “Na época moderna a História emergiu como algo que jamais fora antes. Ela não mais compôs-se dos feitos e sofrimentos dos homens, e não mais contou histórias de eventos que afetaram a vida dos homens”.

A utilização da palavra estória tem a ver com a escrita de Arendt, uma estilística que se propõe, em certa medida, também a contar histórias. Hannah Arendt conta uma estória mesmo quando se aproxima de temas políticos, como as revoluções, organizações do Estado e de direitos, ou temas políticos e filosóficos como a justiça, liberdade e amizade. Segundo Arendt (2016a, p. 238): “A ação só se revela plenamente para o contador da estória [*story-teller*], ou seja, para o olhar retrospectivo do historiador, que realmente sempre sabe melhor o que aconteceu do que os próprios participantes [...] o contador de estória que percebe e ‘faz’ a estória”.

No artigo “Hannah Arendt’s storytelling”, Elizabeth Young-Bruehl (1977, p. 184) diz que Arendt “contava estórias sobre como as pessoas aparecem e se movimentam no mundo, com facilidade ou inquietudes, sobre suas palavras e seus atos”. Arendt, entre a reflexão política e filosófica, foi uma Sherazade do pensamento, que irrompeu a noite totalitária de verdades absolutas para nos contar mil e uma estórias de um mundo humano. Esse olhar de contadora de estórias de Hannah Arendt apresenta-se, por exemplo, quando narra as estórias do “tesouro perdido” em relação às revoluções modernas; às experiências dos conselhos populares; à liberdade prefigurada no encontro de amigos que almejavam um objetivo comum, frente às ruínas do mundo que sobreviveu aos regimes totalitaristas (Arendt, 2011, p. 31).

O exercício do pensamento de Arendt buscou encontrar outras formas de compreender os acontecimentos dos governos totalitários, a perda da autoridade do passado e a tradição fragmentada. Segundo aponta Aguiar (2001), Arendt encontra um modo de pensar que se caracteriza como “narracional” para tentar compreender o mundo, em sua caótica contingência, pois, diante do totalitarismo, nada mais estava em consonância com os conceitos da tradição. Nesse sentido, Arendt tornou-se uma *storyteller* do mundo contemporâneo (Aguiar, 2001, p. 218). A autora tinha habilidade de compreender as experiências humanas, na arte, na literatura, na poesia e todas as outras expressões do pensamento. Sua obra chamava a atenção de que os assuntos humanos, em seus atos e palavras, são frágeis e carecem do narrar para que o exercício do pensamento permaneça presente. Para Aguiar (2001, p. 219):

O pensamento “narracional” é o meio que o pensador encontra para lidar com os eventos quando os cânones da historiografia, da metafísica e do pensamento político perderam a capacidade de iluminar o que está acontecendo. Na ausência de padrões confiáveis, passa-se a invocar as próprias experiências como base de análise. Poderíamos dizer que Arendt desenvolve uma concepção de filosofia como *storytelling*, a habilidade de reter as experiências. Essa abertura do pensamento para experiência é que está na ideia de um “pensar apaixonado”, no qual a vida do espírito

deita suas realizações mais importantes, não se dedicando às questões últimas, metafísicas, como nos antigos, mas no desinteressado prazer de julgar os acontecimentos. Nesse aspecto, o filósofo não está na companhia dos deuses, mas segue um percurso amplamente trilhado pelos historiadores, poetas e narradores.

Representar o passado, narrando as experiências humanas na memória, reconstituídas pela imaginação, possibilita compreender o presente, além de iluminar o passado sob o risco do esquecimento. Nessa vertente, lembra André Duarte (2000, p. 270) que a experiência trazida na obra de Arendt tem implicações poéticas, através do seu modo particular de narrar o passado, em que o narrador de estórias (*storyteller*) possui uma função política (seja ele romancista, seja historiador), provocadora de uma catarse, que libere os seres humanos para a ação e para o juízo.

Arendt criou uma “política da narrativa” (Matos, 2001, p. 91), na qual buscou compreender e narrar as experiências de liberdade e ação. Sua fonte originária de inspiração foram as ideias e princípios democráticos na *pólis* ateniense, “o espaço dos atos livres e das palavras vivas dos homens, capaz de conferir esplendor à vida” (Arendt, 2014, p. 351); na experiência da “coisa pública” dos romanos; na concepção do rigor do pensar, a partir de experiências da filosofia antiga entre Sócrates a Santo Agostinho; nas relações entre o homem e o mundo com o modo narrar estórias nas epopeias homéricas; na tentativa de compreender os reflexos da crise sobre o modo de agir e pensar do homem na modernidade; nas metáforas literárias; assim como nas experiências políticas das revoluções modernas. Conforme lembra Arendt: “embora sua estória tenha um começo e um fim, ela ocorre dentro de um quadro maior, a própria história. E a história é uma estória que tem muitos começos, mas nenhum fim” (Arendt, 2006, p. 50).

Além de desvelar a estranheza do que é demasiado-familiar, o contador de estórias escolhe os caminhos para narrar. Segundo Bruner (2000, p. 185), a construção narrativa da realidade é provocada pelo contador de história inovador, que se torna uma pode-

rosa figura cultural, na condição de que as suas histórias se desprendam dos cânones convencionais da narrativa e nos introduzam a ver o que nunca antes foi notado. Arendt ressalta que com o fim da tradição, uma das formas de encontrar e ressignificar o passado encontra-se nas mãos de contadores de estórias: “o fio da tradição está rompido, temos de descobrir o passado por nós mesmo – isto é, ler seus autores como se ninguém os houvesse jamais lido antes” (Arendt, 2011, p. 256). Ao descobrir os grandes autores na literatura, mesmo sem o auxílio de nenhuma tradição, pode-se reencontrar o passado com as estórias de experiências humanas.

### **3. A tradição e o passado**

O passado tem sempre algo a revelar a cada nova geração imersa no mundo comum. O esforço de pensar o passado surge como um apelo às novas gerações, que se inserem na lacuna entre o passado e o futuro. Essa batalha temporal é a metáfora que Hannah Arendt explora no aforismo de Franz Kafka (1943, p. 33):

Ele tem dois adversários: o primeiro combate-o por trás, da Origem; o outro barra-lhe o caminho para a frente. Ele luta contra os dois. Para dizer a verdade, o primeiro, propulsando-o, ajuda-o contra o outro, e, do mesmo modo, o outro, repelindo-o, ajuda-o contra o primeiro. Mas isto só em teoria. Pois não há só os dois adversários: existe também ele próprio – e quem conhece as próprias intenções? É o seu sonho que num momento inesperado – e deveria ser uma noite, tão escura como nunca houve igual – abandona o campo de batalha, elevado que foi, graças à sua experiência na luta, à condição de juiz dos dois adversários.

A parábola kafkiana representa um permanente conflito no tempo. Segundo Arendt (2011, p. 36), o presente está jogado entre o passado e o futuro. As gerações de seres mortais estão nesse embaite temporal, entre as forças do passado, reveladoras de estórias ainda não esquecidas e a força do futuro, contingente em trajetórias de incertezas. O passado não retém o homem presente em posição de estagnação. A força do passado empurra uma geração para frente, enquanto o futuro, em direção oposta, tem como

potência impelir de volta ao passado. Conforme Arendt (2011, p. 37): “do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e futuro, o tempo não é contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde ‘Ele’ está”. Essa é a lacuna em que se situa a geração presente, segundo Beatriz Porcel (2012, p. 54):

Arendt acredita que o homem encontra seu lugar próprio ao colocar-se no intervalo entre o passado e o futuro – o próprio pensamento é uma lacuna entre o passado e futuro; e guardar o passado é uma condição do próprio pensamento. O pensamento é colocado em relação com as recordações e a narração: as recordações são um modo de pensar fundamental e retêm a capacidade de narrar para preservar a pequena ilha nascente da liberdade.

Na tensão entre o passado e o futuro, as gerações buscam encontrar e selecionar experiências humanas narráveis, essa transmissão, dada na arte de contar estórias, revela possibilidades de expressar e exercitar o pensamento. Porém, atualmente, com a perda dos fios da tradição, os homens aproximam-se cada vez mais do esquecimento da existência de um mundo comum. Na configuração de um mundo sem raízes e sem certezas, escreve Arendt (2011, p. 131):

Sem a tradição firmemente ancorada – e a perda dessa firmeza ocorreu muitos séculos atrás –, toda a dimensão do passado foi também posta em perigo. Estamos ameaçados de esquecimento, e tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nós teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação.

Entre o passado e o futuro, as narrativas preservam a memória comum, elemento essencial para o contador de estórias, contra o esquecimento. Neste sentido, a compreensão de quem nós somos não é mais a mesma, ante a perda dos fios da tradição. Ao analisar

esse aspecto, Hannah Arendt evoca as experiências de luta da Resistência Francesa contra o nazismo durante a II Guerra, a partir da poesia de René Char, que escreveu: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento” (Char *apud* Arendt, 2011, p. 28). O verso de Char conta a estória de homens e mulheres franceses que se insurgiram contra a ocupação nazista, seu sentimento figura como uma fonte para Arendt pensar o que aconteceu com a tradição face ao totalitarismo.

Embora haja acontecimentos inarráveis na história das experiências humanas, ainda assim, algumas pessoas podem conseguir trazer à tona, não por fins estilísticos, mas como marca da sobrevivência, a força humana presente nas narrativas. No livro *É isto o homem?*, Primo Lévi (1988) narra como conseguiu sobreviver às agruras e à violência do campo de concentração em Auschwitz, entre 1944 a 1945. Segundo Lévi (1988, p. 8), após o horror vivido, àquela geração restou apenas a esperança de narrar como uma forma da necessidade, “de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares”.

O primeiro objetivo dos nazistas, lembra Lévi, à chegada dos prisioneiros judeus e outros grupos étnicos ao campo de concentração, era apagar a identidade de cada um. Famílias foram separadas, crianças perderam mães, pais ficaram sem filhos; nomes foram trocados por números gravados no corpo; a proibição da fala, do diálogo, da conversa eram tentativas de anular qualquer resquício de humanidade daqueles cuja morte sem sentido era iminente. Podia-se pensar sobre as lembranças, mas falar sobre elas era correr risco de morte. Escreve Lévi (1988, p. 25):

[...] a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem [...]. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para

tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.

No episódio “O Canto de Ulisses”, Primo Lévi (1988, p. 111) narra que o mais jovem do grupo de trabalhadores forçados do campo de concentração, um rapaz chamado Jean, cujo apelido era Pikolo, se interessava em aprender italiano. Mesmo correndo risco de morte, em uma pequena brecha de tempo entre um serviço e outro, estabeleceu-se entre eles um laço de amizade. Lévi decidiu ensinar italiano ao seu jovem amigo, entre a memória que falhava e reascendia, através de alguns versos de *A divina comédia*, de Dante Alighieri. Lembra Lévi (1988, p. 116):

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas: “Relembrai vossa origem, vossa essência;/ vós não fostes criados para bichos,/ e sim para o valor e a experiência”. É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou. Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando. Ou talvez seja algo mais: talvez (apesar da tradução pobre e do comentário banal e apressado) tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho.

Entre ensinar e aprender a língua italiana, outros sentimentos entraram em jogo, despertados pelos versos d’*A divina comédia* de Alighieri. Lévi e Pikolo compartilharam uma experiência em comum: muitos seres humanos sofreram, mas encontram um possível alento para o sofrimento na arte poética, que atravessa a temporalidade de várias gerações.

Embora Hannah Arendt, que também vivenciou a violência do nazismo, não tenha citado a obra de Primo Lévi, a autora profunda e expõe a compreensão sobre a importância de contar histórias, mesmo com a ruptura dos fios da tradição,

O ponto em questão é que o “acabamento” que de fato todo acontecimento vivido precisa ter nas mentes dos que deverão depois contar a história e transmitir seu significado deles se esquivou, e sem esse acabamento pensado após o ato e sem a articulação realizada na memória, simplesmente não sobrou nenhuma história que pudesse ser contada. (Arendt, 2011, p. 32)

Apesar dos fios da tradição cortados, Arendt (2011, p. 132) observa que “não acarreta necessariamente, a perda da capacidade humana de constituir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após”. Nessa vertente, Duarte (2000, p. 122) lembra que, para Arendt,

[...] desde sua constatação da ruptura da tradição, ela estava certa de que não se tratava mais de tentar reconstituir o seu “fio partido”; melhor seria proceder a um “desmantelamento” crítico da tradição a fim de recuperar aquilo mesmo que não se viu legado e que, agora, jaz escondido sob os escombros do presente e do passado.

A perda do intercâmbio das experiências entre as gerações pela narrativa, elemento essencial à tradição, constituiu-se um perigo apontado no pensamento de Hannah Arendt (2011): a quebra de laços em um mundo comum, o desenraizamento dos homens com sua origem e o sentimento de desamparo. Em detrimento do senso de comunidade, as grandes massas das metrópoles modernas desvaneceram de experiências passadas de geração para geração. Isolado, o ser humano perdeu-se: desconhece o seu lugar no espaço público, não tem contato como os outros, vive o desamparo de um mundo comum que ensejou a condição do desenraizamento. Conforme Arendt, citada por Magalhães (2006, p. 58):

O desamparo, o fundamento comum para o terror [...] e para ideologia [...], está intimamente ligado com o desenraizamento e a superficialidade que têm sido a maldição [*curse*] das massas modernas desde o começo da revolução industrial, e se tornaram mais graves com o surgimento do imperialismo no fim do século passado e o colapso das insti-



tuições políticas e das tradições sociais em nosso tempo. Não ter raízes significa não ter um lugar no mundo, reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer de modo algum ao mundo.

Com o desenraizamento, dissipou-se o sentimento de pertencimento ao mundo comum. Apesar disso, o escritor malinês A. Hampaté Bâ (2011) lembra que algumas comunidades à margem da perspectiva eurocêntrica ainda preservam a memória de uma tradição contida na oralidade de estórias, que passam de boca a ouvido, entre as gerações, mantendo seus laços.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (Hampaté Bâ, 2011, p. 167)

Ao contar estórias, afiança-se um território constituído por memórias em que os seres humanos de diversas gerações se movem e podem criar laços não somente entre eles, mas também com o mundo do presente, espaço de constantes experiências, acontecimentos e afetos que são compartilhados. Arendt lembra grandes estórias que encantam os homens, nas quais poetas e bardos os ajudavam a atingir a imortalidade: “isto porque a estória das coisas feitas sobreviveu aos atos e o que foi dito torna-se imortal se for bem dito [...]. Os bardos, à maneira de Homero, endireitavam a estória com palavras mágicas para encantar os homens para sempre” (Arendt, 2016b, p. 152).

Com efeito, essas estórias constituem uma poética do mundo compartilhado entre as gerações, contam sobre personagens em um interstício existencial e revelam um mundo em ambiguidade, isto é, um mundo sempre a se fazer. O “bardo”, no budismo tibetano, constitui o estágio intermediário entre a morte e o renas-

cimento, simbolizando o “espaço entre”, uma terceira margem, onde se narra uma estória. As estórias são a voz do mundo, assim conta o personagem Riobaldo, o bardo do sertão, de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Riobaldo, o narrador que ocupa o “espaço entre” o passado e o destino do sertão, narra uma estória: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, 2001, p. 80). Nessa travessia, as estórias conservam a memória, fazem-se presentes no exercício do imaginar aos homens; quando contadas e recontadas, trazem à lembrança experiências vivas do passado, criadoras de uma promessa de aliança entre as gerações. Afinal, “a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (Arendt, 2016a, p. 62).

Nessa perspectiva, as estórias contadas com poesia ganham sua profundidade, cujos ritmos das palavras encontram um sabor que, ao serem versejadas, podem ser facilmente contadas e cantadas de boca em boca, sobrevivendo na memória do mundo humano,

A poesia, cujo material é a linguagem, talvez seja a mais humana e a menos mundana das artes, aquela cujo o produto final permanece mais próximo do pensamento que o inspirou. A durabilidade de um poema é produzida por meio da condensação, de modo que é como se a linguagem falada com extrema densidade concentração fosse poética por si mesma. (Arendt, 2016a, p. 211)

A expressão humana com a poesia é a ressonância da memória de uma lembrança viva, criadora do envolvimento que comove o sentimento e perturba o espírito humano, o qual com palavras pode vir a exercer uma “transfiguração, uma verdadeira metamorfose” (Arendt, 2016a, p. 209). Segundo Arendt (2016a, p. 210), ao interpretar um poema de Rilke, a poesia afeta os homens invertendo o curso lógico das coisas, pode fazer o pó, as cinzas, irromper em chamas.

#### 4. O passado e as narrativas

Os assuntos humanos manifestos na ação e na fala (Arendt, 2016a, p. 216) possuem no mundo comum uma dimensão temporal, estão entre o passado e o futuro, através das narrativas transmitidas por estórias entre as gerações. No livro *Por que ler os clássicos?*, o escritor Ítalo Calvino (2016, p. 11) expõe: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. Neste território de todos, há o reconhecimento de uma cultura herdada de gerações anteriores, criadoras do mundo e de estórias. As gerações interpretam e agem sobre o mundo, produzindo experiências humanas, perpetuadas nas estórias narradas, cantadas ou escritas em livros. Nessa perspectiva, Calvino (2016, p. 12) compreende que a narrativa clássica, quando chega aos leitores,

[...] não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos [nela] algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação de pertinência.

Narrar estórias é uma forma de lidar com o passado, tornando-o vivo, para os leitores e ouvintes do presente. Encontrar as narrativas traz “uma relação de pertinência”, ou seja, de pertencer ao legado de experiências, tradições, costumes e práticas de gerações precedentes. Para Calvino (2016, p. 16), as narrativas clássicas “servem para entender quem somos e aonde chegamos”, um ponto indispensável para o reconhecimento de peculiaridades da formação da cultura de cada povo, seja o italiano, alemão, brasileiro etc. Com efeito, as narrativas contadas entre as gerações – criadoras, ouvintes e leitoras de estórias – possibilitam que cada novo ser hu-

mano possa se “sentir em casa no mundo” (Arendt, 2006, p. 39), pertencente a uma herança comum.

As experiências humanas na temporalidade estabelecem uma relação entre a narrativa e a vida. No texto “A vida: um relato em busca de um narrador”, lembra Paul Ricœur (1984, p. 52): “Graças a esta qualidade [pré-narrativa da experiência humana] temos o direito de falar da vida como uma história em estado nascente e, por consequência, da vida como uma atividade ou uma paixão na busca de [ser narrada em uma] estória”. As experiências humanas, tanto as atividades realizadas no mundo público quanto as de sede privada, como as paixões e o amor, buscam ser narradas, pois os seres humanos são enredados em estórias (Ricœur, 1984, p. 53).

Essa perspectiva acerca da importância de narrar estórias também pode ser compreendida na obra de Hannah Arendt, que chama a atenção para se pensar as experiências humanas nos acontecimentos da história. Assim, a resistência humana no mundo não é senão uma seleção das experiências reveladas pela narrativa em estórias, reificadas no tempo de um mundo comum. As gerações podem não apenas se comunicar, mas compreender e pensar as realizações humanas. Para Arendt (2011, p. 32):

[...] todo acontecimento vivido precisa ter nas mentes dos que deverão depois contar a história e transmitir seu significado deles se esquivou, e sem este acabamento pensado após o ato e sem a articulação realizada pela memória, simplesmente não sobrou nenhuma história que pudesse ser contada.

Entre o passado e o futuro, contra o esquecimento, o ato de narrar é um exercício do pensamento, um modo de representar o passado, os acontecimentos de gerações anteriores, que podem ser reconstituídos na imaginação, por meio de estórias. Narrar é uma forma de tentar compreender o mundo comum.

Ao narrar estórias, os ouvintes não são meros sujeitos passivos, pois cada experiência narrada pode dar um novo sentido ao mundo ao ser recontada. O contador de estórias não é um indivíduo

isolado, mas se constitui enquanto voz de uma geração. As narrativas fazem parte do mundo em que as vozes de gerações antigas relacionam-se com a futura geração: quando as crianças escutam uma estória, surge uma novidade que está na forma como cada criança vincula-se com aquela narrativa, uma experiência humana sucedida. A cada nova estória contada às crianças, cria-se novas formas de se relacionar com o mundo. Com efeito, a novidade não se encontra apenas na imprevisibilidade da ação no espaço público, mas também pelo modo com que cada novo ser humano pode pensar sobre si mesmo e pelo seu vínculo com o passado de um mundo comum. Segundo Homi Bhabha (2007, p. 30):

No entanto, ao contrário do que acontece com o futuro, não podemos “escolher” o nosso passado cultural ou biográfico; podemos esquecê-lo num gesto de amnésia histórica; podemos reconstruí-lo de modo a que de adegue aos nossos interesses presentes; ou podemos condensá-lo no presente, a fim de demonstrar a continuidade da tradição cultural como parte da confluência de uma história partilhada. Em cada um destes casos, negociamos com o “passado” para transformar as nossas vidas; mas não podemos simplesmente escolher ou “desescolher” o passado.

O passado, representado nas estórias, está sempre inacabado, à espera de ser redescoberto, por cada criança, um ser novo no mundo de histórias partilhadas. Assim, a narrativa revela o extraordinário: a imortalidade dos sentidos da existência humana nas estórias, através das quais as experiências e afetos de uma geração são preservados. Ao compartilhar a memória, há o exercício da imaginação, modos de pensar o mundo, um legado às futuras gerações. Ao contar estórias, os seres humanos ganham uma nova presença no espaço comum, dando sentido a este mundo humanamente possível.

Contar estórias torna-se um aspecto fundante para a existência e permanência dos assuntos humanos no mundo comum. Conforme Aguiar (2001, p. 218): “Contar a ‘estória’ é a única maneira da ação permanecer na memória dos homens e dos feitos e palavras humanas adquirirem dignidade por parte do pensamento”. Com a

possibilidade de narrar, surge uma teia de conexões na pluralidade humana que vincula as gerações. Sem a possibilidade de narrar, os laços humanos podem se desagregar, caindo no esquecimento, perdendo o sentido de mundo compartilhado. A esse respeito, em sua palestra intitulada “O perigo da história única”, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009) argumenta: “As histórias também podem ser usadas para dar poder e para humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada”.

Ao narrar estórias, expressa-se a existência de um mundo comum. Cada geração com sua particularidade torna-se presente através de estórias, experiências próprias de sua passagem no mundo, sua dignidade contada às futuras gerações. As estórias trazem esse sentido humano na dimensão que entrecruzam o tempo fazendo com que os seres humanos sintam-se parte de algo digno de ser compartilhado. Em cada estória narrada, recupera-se a dignidade das ações das gerações anteriores, de como pensaram e agiram publicamente no mundo. A dignidade está nas experiências e afetos, conteúdos humanos em que cada geração pode se revelar a outras.

### **Considerações finais**

Cada geração mostra-se como uma contadora de estórias, narrando não apenas suas próprias experiências e afetos, mas também aquelas de gerações passadas. A narrativa constitui o eixo de uma vida humana inteira, experiência profunda que tangencia a presença entre o passado e o futuro, trazendo em grande parte o mundo humano. Em suma, os seres humanos são seres que agem e falam. No ato de contar estórias, as gerações também podem revelar quem elas são ou foram, assim as estórias que se escolhe narrar revelam (pelo menos em parte) quem nós somos.

No caminho entre o pensamento e a ação, os seres humanos podem deitar suas raízes e tomar um lugar no mundo que chegam como estranhos (Arendt, 2004, p. 166). A metáfora de deitar raí-

zes, utilizada por Hannah Arendt, parece ser reveladora, na singular presença que cada ser humano possui no mundo comum, ao criar um laço de pertencimento. Através das estórias, as gerações antigas inserem as novas gerações no mundo com um passado plural em experiências. Assim, a singular presença de cada nova geração ao deitar raízes numa herança cultural, cria também marcas no mundo comum.

Portanto, a narrativa e a poesia dos contadores de estórias constituem-se enquanto possibilidades de manter vivos os feitos, os discursos e as ideias, os assuntos humanos de gerações do passado. A existência humana, mesmo sob a ameaça de desaparecer diante do totalitarismo, ainda pode ser conservada na memória. As estórias rasgam as dimensões do tempo e espaço para criar raízes, ao ligar as gerações em laços de amizade. Encontrar essa raiz é ouvir a voz do passado, em estórias, a fim de assegurar a singularidade de cada ser humano, pertencente a uma geração e responsável pela preservação de um mundo comum.

## Referências

ADICHIE, C. N. O perigo da história única. In: TED – Ideas worth spreading. 2009. Duração: 18m.43s. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt#t-1110073](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-1110073)>. Acesso em: 24 jan. 2018.

AGUIAR, O. Pensamento e narração em Hannah Arendt. BIGNOTTO, Newton; MORAES, Eduardo J. (Org.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões e memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 215-226.

AGUIAR, O.; MARIANO, R. A poesia de Hannah Arendt. *Revista ArteFilosofia*. Ouro Preto, n. 15, dez. 2013, p. 119-132. Disponível em:

<<https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/539/495>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

ALMEIDA, V. S. *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, H. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Trad. André Duarte de Macedo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, H. *Rahel Varnhagen: uma judia alemã na época do romantismo*. Trad. Antônio Trânsito e Gernot Kludash. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARENDT, H. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARENDT, H. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

ARENDT, H. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (1930-1954)*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARENDT, H. *Sobre a revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.

ARENDT, H. *A vida do espírito*. Trad. Abranches Almeida e Martins. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.



ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.

BHABHA, H. K. Ética e estética do globalismo: uma perspectiva pós-colonial. In: BHABHA, H. K. *et al. A urgência da teoria*. Lisboa: Tinta da China, 2007. p. 21-44.

BLIXEN, K. *A festa de Babette e outras anedotas do destino*. Trad. Isabel Paquet de Areripe. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BRUNER, J. *Cultura da Educação*. Trad. Abílio Queirós. Lisboa: 70, 2000.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DUARTE, A. *O pensamento à sombra da ruptura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). *História Geral da África*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

KAFKA, F. 20 aforismos. Trad. O. M. Carpeaux, *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, Vol. VI, 3. fasc, n. 56, dez. 1943, p. 33-35.

LAFER, C. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 21, n. 60, ago. 2007, p. 289-304.

LÉVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAGALHÃES, T. C. Ação, linguagem e poder: uma leitura do capítulo V da obra *The Human Condition*. In: CORREIA, Adriano. (Org.). *Hannah Arendt e a condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 35-74.

MATOS, O. O *storyteller* e o *flâneur*: Hannah Arendt e Walter Benjamin. In: BIGNOTTO, Newton; MORAES, Eduardo J. (Org.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões e memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

PORCEL, Beatriz. Pescando pérolas: Hannah Arendt e a ruptura da tradição. In: ENCONTRO Hannah Arendt, 5. *O futuro entre o passado e o presente: Anais...* Passo Fundo: IFIBE, 2012. p. 49-61.

RICCEUR, P. *Educación y política*. Buenos Aires: Docencia, 1984.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

YOUNG-BRUEHL, E. Hannah Arendt's storytelling. *Social Research*. v. 44, n. 1, Spring 1977, p. 183-190.

Artigo recebido em 5/04/2018, aprovado em 8/05/2018